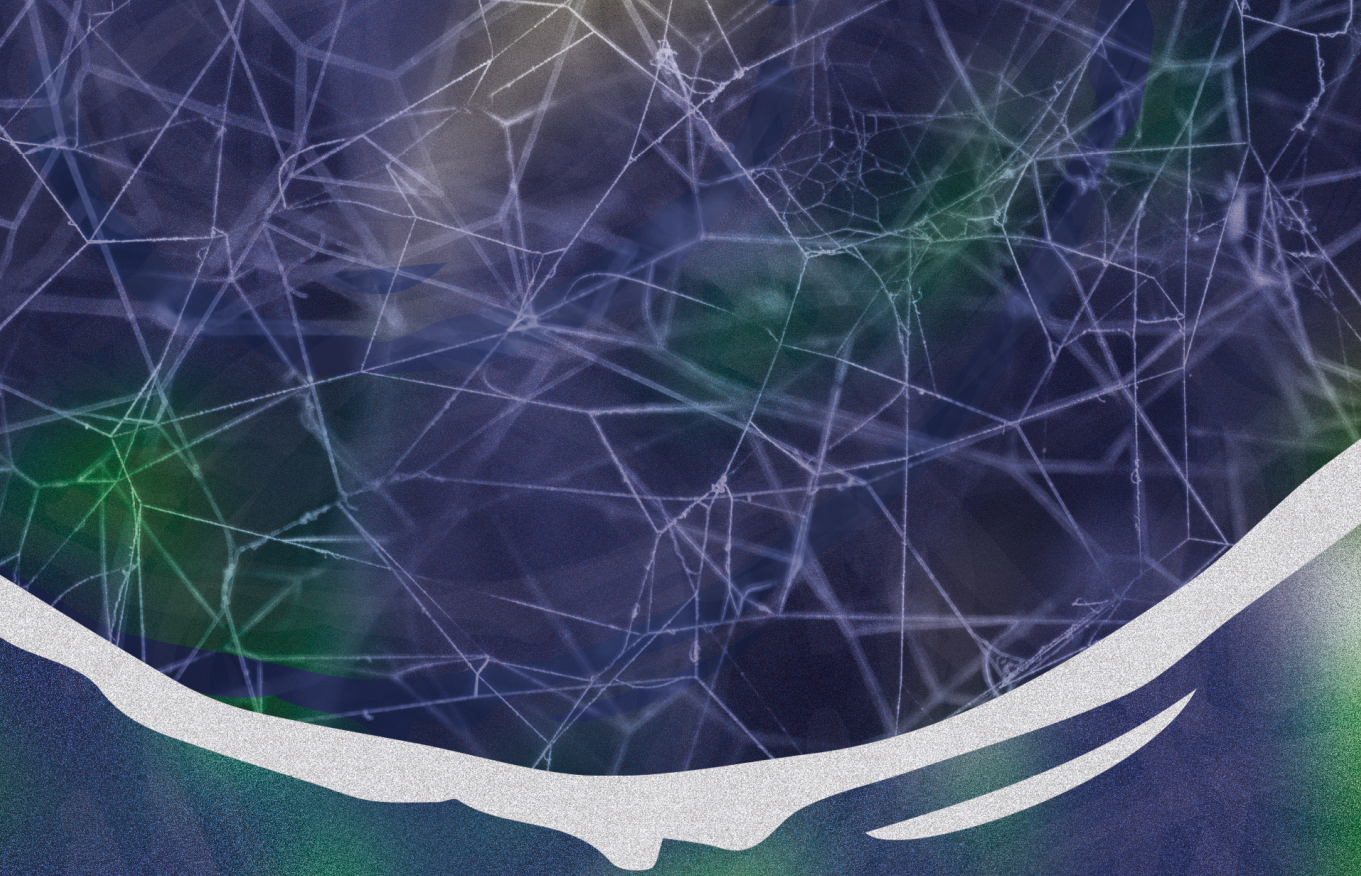


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 3 – Ficções

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo

Gabrielle Montalvão Ferreira

Este texto tem como finalidade principal relacionar os ideais debatidos nas aulas de Antropologia e suas referências teóricas com as percepções como estudante de Pedagogia. No meu caso, escolhi guiar meus registros com base numa série e estabelecer parâmetros com situações que podem acontecer com qualquer educador. Quero observar os conceitos de cultura e educação e narrar sobre a variedade de trocas possíveis no processo de aprendizado entre alunos e professores usando os materiais disponibilizados e as horas de reflexões compartilhadas.

Contexto da Série

Na série *Sweet Tooth* (2021), presente no catálogo da Netflix, o cenário que temos é uma atmosfera urbana caótica e uma luta contra o flagelo (doença mortal), que representa grande perigo para os "híbridos", uma mistura entre humanos e animais que surgiu misteriosamente. Logo no início do primeiro episódio, é possível ver um processo de educação sendo construído entre pai e filho. Gus (o personagem principal), um menino-cervo, aprende a falar, a ler e a fazer tarefas comuns do dia a dia de quem vive em uma floresta. Seu pai faz o que pode para ensinar o básico ao garoto sobre sobreviver na natureza. Cenas como os dois interagindo com a neve e a chuva são apresentadas, além de experimentarem atividades como pesca, coleta da seiva de árvores, corte de lenha e acendimento de fogueiras.

De forma resumida, o responsável cria Gus dentro de um parque nacional com a intenção de dar ao garoto uma vida tranquila, feliz e saudável. Ele tenta não envolver informações precisas sobre a cruel realidade fora da cerca da floresta nas conversas e suas instruções para o filho em situações de risco são sempre defensivas, buscando sua segurança como prioridade. O único objeto de violência que o menino tem permissão de usar é um estilingue que ele ganha de presente. Essa ideia de alguém para proteger e alguém para

ser protegido é algo forte e muito importante para o pai da criança, revelando uma postura condizente com a condição na qual estavam inseridos. Afinal, uma educação com regras inflexíveis sobre não sair do parque ou atravessar sua cerca parecia funcionar ao garantir o isolamento de Gus, enquanto outros como ele eram caçados. Entretanto, chega um tempo em que esse tipo de criação não consegue controlar o espírito curioso do menino-cervo. A insistência dos últimos homens em capturar e eliminar os híbridos e os altos índices de contágio do flagelo dificultam o acesso às cidades em busca de recursos.

É diante desses acontecimentos, enquanto Gus começa suas aventuras investigativas sem poder contar com a supervisão de seu pai, que, no quarto episódio da primeira temporada, ocorre o encontro de Gus com Ursa – líder de um movimento jovem que busca proteger os híbridos.

Cultura, Educação e Antropologia

O choque cultural ocorre quando o menino conhece a moradia desses "justiceiros". As roupas são muito diferentes, assim como o ambiente mais tecnológico, autodidata e voltado para o combate, muito contrastante com a simples e pacata cabana onde ele cresceu sob a tutela cuidadosa de um adulto. E, embora esta não seja a temática da série, tais diferenças entre os contextos de vivência dessas personagens permitem uma análise sobre como as necessidades e objetivos de determinado grupo estão relacionadas com sua cultura e modos de educar. Afinal, um grupo de adolescentes com armas e armaduras intimidantes querendo lutar mostra que não receberam os mesmos estímulos sociais que uma criança educada para se esconder diante do mínimo perigo existente. É notável, então, a presença das particularidades e complexidades de cada realidade e como suas características são expressas culturalmente (Santos, 1994).

Por isso, ao discutirmos sobre cultura, temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa (Santos, 1994, p. 7). Tendo em vista essa obra, é possível apontar um problema que aparece com frequência nas conversas de Antropologia: a visão etnocêntrica que temos ao julgar os princípios alheios, isto é, não respeitar as lógicas internas de cada grupo sem cogitar o sentido para quem vive nele, contribuindo com um olhar superior da sua cultura em relação à cultura do outro.

Essa hierarquização das culturas é algo muito perigoso e sério em diversos momentos. Ela pode caminhar desde um breve comentário entre colegas sobre o sotaque de outro estudante, até discursos absurdos que justificam genocídios e etnocídios, porque, se existe uma "linha de evolução", onde uma cultura é melhor que a outra, alguns podem acreditar que qualquer coisa pode ser feita para a nação "atrasada" alcançar o auge. Por meio desse conjunto de pensamentos, o apagamento de elementos característicos de certo grupo acontece. Dessa forma, tendo como base a desconsideração da diversidade como ponto positivo, a rejeição e aversão funcionam e operam como um meio violento de atingir atividades culturais mais concretas como dança, comida e língua, tendo ainda a possibilidade de modificar – de forma forçada – até pontos mais abstratos (religião e construções de gênero e sexualidade, por exemplo).

Por isso, é imprescindível que o educador entre em contato com diferentes verdades para ensinar esse cuidado ao conhecer novas perspectivas de mundo para seus alunos, de modo a evitar conflitos com mensagem preconceituosa em sala e enriquecer a mente de quem estuda as pluralidades culturais, fazendo com que os discentes entendam que: "[...] cada cultura tem seus próprios critérios de avaliação e que para uma tal hierarquização ser construída é necessário subjugar uma cultura aos critérios de outra" (Santos, 1994, p. 13).

Levantado esse comentário sobre superioridade cultural, deve-se também abrir espaço para dissertar sobre o equívoco em acreditar que existe um modelo de educação único que é o mais adequado para todos os povos, quando é comprovada a grande quantidade de culturas existentes no mundo. Partindo do fato de que cultura e educação não se separam, pode-se imaginar que: se existem numerosas culturas no mundo, existem também outras muitas maneiras adequadas e respeitosas (em relação a cada identidade social dos contextos) de ensinar e aprender. Brandão (1985, p. 10) acredita que "a Educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade".

Portanto, a tentativa de admitir uma homogeneidade do que seria ideal entre todas as comunidades humanas é uma das mais relevantes e preocupantes falhas no debate cultural antropológico do cenário educativo. Se buscamos uma educação inclusiva e rica, devemos reconhecer que os contextos mencionados acima abrigam coletivos de indivíduos com atributos específicos e determinam conceitos e aspectos decisivos para pensar o papel da educação, incluindo, por exemplo, o que é útil e inútil para cada sociedade – como foi discutido no trecho da carta de resposta enviada pelos chefes indígenas aos governantes dos Estados Unidos (Brandão, 1985).

Ademais, em outras obras são mencionados mais argumentos que reforçam e confirmam esse ponto de vista. A lista não teria fim, mesmo porque teria de incluir as variações de cada um desses recortes no tempo. Nesses recortes da realidade social comum, podem ser localizadas maneiras de ver o mundo que prevalecem mais em alguns do que em outros (Santos, 1994, p. 53). Essas palavras reforçam o porquê de o padrão de ensino aspirado não poder ser aplicado de forma justa de acordo com a Antropologia, pois, conforme o tempo passa, as interpretações do que é exemplar, desejável e aceitável mudam segundo os contextos socioculturais. Consequentemente, admitimos a veracidade disso ao observar que a educação dos nossos avós tolerava violência física tanto na escola quanto em casa por meio de diversos castigos pesados e atualmente isso não é mais permitido pela lei, além do início de debates a respeito das agressões e brutalidade contra crianças que estão começando a entrar no senso comum da população.

Além disso, os contextos podem inclusive ser modificados por influências externas que não conseguimos controlar. Ao retomar a série, por exemplo, vemos que Gus não teve uma alternativa fora abandonar o parque e, diante dos perigos que enfrentou, o contato e acolhimento com Ursa e seu grupo, mais as habilidades e vivências de Tommy "Grandão" Jepperd, foram indispensáveis para a sobrevivência do garoto em vários momentos.

Isso tudo reforça a urgência de ampliar os nossos olhares para fora da cerca que limita nossos passos e ações na educação, permitindo um ambiente de escuta e valorizando as

diferentes experiências pessoais e coletivas de cada estudante que possa passar nas nossas turmas e salas de aula. Isso porque, assim como os personagens listados, eles ocupam espaços em nossa trajetória profissional e devemos construir os saberes de forma que todos colaborem e usufruam.

Já encerrando essa nuvem de pensamentos, cabe contemplar que – ainda tendo em consideração as cenas da série – as lições coordenadas pelo pai de Gus, com um foco mais voltado para exercícios manuais práticos do cotidiano familiar, lembram as técnicas usadas pela educação das crianças agricultoras indicadas por Antonella Tassinari (2015). Em seu artigo, ela traz os princípios de aprendizagem infantil com apoio na participação supervisionada e na inclusão das crianças em atividades rurais, mostra uma crítica às políticas que erradicam esse método pedagógico e revela uma situação nítida de como determinadas formas de educar são descartadas e invalidadas por alguns.

Esse tipo de discriminação abre portas para situações de desprezo em relação à própria história e cultura, como o caso do agricultor Max, presente no documentário *Human* (2015), que repetia – de maneira amarga ao falar de si mesmo e de sua realidade – que o filho não seria igual a ele, pois foi aprovado num exame importante. E, apesar de entender que o foco do seu depoimento estava na educação como chance de um futuro com condições melhores, nota-se que, em nenhum momento, Max pensa nos seus próprios saberes (além do ambiente escolar) como algo valioso ou positivo. Infelizmente, esse tipo de pensamento ainda contribui com a segregação a respeito de quem (que perfil de sujeito) possui algo relevante a oferecer para a educação, recusando as experiências e trocas possíveis entre pessoas que têm muito a compartilhar, mas não são ouvidas.

Conclusão

Do ponto de vista antropológico, existe a necessidade de entender o contexto de cada cultura antes de julgá-la, além de levar em conta a riqueza da multiplicidade, como argumenta Santos (1994), pois não devemos projetar nas outras sociedades entendimentos do que é conhecido/familiar e do que é exótico/estranho sob nossa opinião pessoal. Ademais, reconhecer que as diferentes formas de educação são válidas – incluindo as educações rurais e indígenas (apresentadas por Brandão e Tassinari), quilombolas etc. – e que surgem com base nas culturas de diferentes lugares. Essa é uma atitude que ajuda a reduzir a intolerância e foca na empatia e no respeito, teclas constantes nas aulas e necessárias em um mundo onde o sistema controla os mais indicados para falar e se manifestar a respeito de uma educação que valoriza apenas o conhecimento científico acadêmico e exclui e subestima outros tão cheios de experiência de vida, imaginação e criatividade, que não são levadas a sério, como explica Ingold (2019, p. 15) ao escrever “[...] pois levar os outros a sério não significa encerrar o caso, mas abrir-se para imaginações enriquecidas pela sua experiência”.

Por último, independentemente de estarmos em posição de professor ou aluno num curso de Pedagogia, na pele de uma funcionária da cantina preparando a merenda escolar

ou até no cotidiano de um familiar que acompanha o aprendizado de seu filho, espero que possamos aprender mais uns com os outros dia após dia, oferecendo oportunidades àqueles que têm suas vozes silenciadas, ignoradas e incompreendidas e criando, a partir de seus relatos, novas noções e modelos significativos de educação.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO